

47.

IGREJA DE SANTA MARIA DE GONDAR



Calçada Armando T.
Mota e Costa, Gondar
Amarante



41° 15' 48,73" N
8° 1' 53,19" O



918 116 488



x



Santa Maria
15 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1978



P. 25



P. 25



x

Implantada a meia encosta, a pequena Igreja de Gondar, dedicada à Virgem Maria, é o símbolo de um longo e complexo percurso histórico em que se enquadra a maioria dos templos paroquiais da medievalidade. À sua fundação associa-se a linhagem dos de “Gundar”. Esta linhagem, que controlou um significativo perímetro geográfico e social na região envolvente, fez da abadia mariana o local para acolhimento das suas filhas, convertendo-a em panteão familiar. Durante vários séculos o apelido desta linhagem significava sinal de domínio e de poder. Mas, não obstante esta ligação, foi na viragem para a Época Moderna, em 1455, que esta abadia feminina foi extinta por intervenção do bispo do Porto, D. Fernando da Guerra (episc. 1416-1418), quando este quis dar expressão à moralização e reabilitação de mosteiros decadentes. Entregue ao secular, foi seu primeiro pároco Pedro Afonso. A este se deve a oferta, em 1470, da escultura que se tornou num elemento totémico da comunidade: a Virgem sentada que amamenta o seu Filho (e que hoje se encontra na nova igreja da freguesia). Esta imagem é localmente conhecida como Nossa Senhora da Cadeira.

SANTA MARIA DE GONDAR

Expressão da escultura gótica nacional, a imagem da Virgem Maria sentada a amamentar o seu Filho nos braços "integra o reduzido número das imagens quatrocentistas portuguesas que são portadoras de inscrições que identificam o doador", conforme estudo de Mário Barroca. No lado direito da cadeira onde se senta a Virgem encontra-se gravada uma inscrição que refere: Pero Afonso mandou fazer [na Era de M] CCCC LXX Anos. A importância da inscrição é dupla: por um lado, permite identificar o doador (Pedro Afonso) e, por outro, associa à peça uma cronologia de execução ("Era de 1470"). A imagem de Santa Maria de Gondar assinala a transição entre a extinção do espaço monástico e a passagem a igreja secular, mas também, em termos artísticos, o cruzamento de vários sentidos estéticos, sentimentos e sensibilidades: os das Virgens românicas, sedentas, hieráticas (em posição de majestade), com a Mãe, em pé, que aleita o seu Filho, expressão naturalista do gótico.



Seguramente edificada no século XIII, se não já na centúria seguinte, a Igreja românica de Gondar denuncia ainda na sua fábrica o seu carácter originariamente monástico: as mísulas que pontuam os seus paramentos exteriores atestam a existência de estruturas anexas à Igreja, de ambos os lados. De qualquer forma, tendo em conta a escala da Igreja que hoje conhecemos é certo que o complexo monástico de Gondar era de reduzidas dimensões. Estamos, pois, diante de uma Igreja composta por nave única e capela-mor retangular. A traça românica conservou-se na sua quase totalidade, apesar das transformações que sofreu durante a Época Moderna.

Orientada canonicamente (cabeceira a este e frontaria a oeste), a fachada principal é extremamente simples. O portal acusa o carácter tardio da construção: não tem colunas, as arquivoltas apoiam-se so-

bre os pés-direitos e o tímpano é liso. O único elemento decorado deste portal é precisamente a arquivolta externa onde se aprecia o motivo do enxaquetado, tema tão caro ao românico português. O portal é encimado por um pequeno óculo com uma grelha composta por cinco círculos colocados segundo os braços de uma cruz. Ambos os elementos falamos, pois, de uma cronologia tardia, já mais próxima do gótico que virá, do que do românico na sua plenitude, pelo que devemos entender esta Igreja de Gondar no seio daqueles edifícios que têm vindo a ser identificados pelas designações periféricas de "românico de resistência", de "gótico rural" ou mesmo de "protogótico".

A estrutura dos portais laterais, idênticos entre si, confirma esta cronologia. Em ambos os alçados, além das duas estreitas frestas que rasgam o paramento, permitindo a iluminação do interior do espaço



sacro, vê-se ainda a cachorrada bastante bem conservada a sustentar uma cornija de dois volumes. Os cachorros, de perfil tendencialmente quadrangular, ou são lisos ou, então, ostentam uma simples ornamentação onde se destacam os rolos e proliferam as esferas.

Sobre a extremidade do alçado sul, junto à fachada ocidental, o campanário segue o modelo das sineiras românicas: dois arcos de volta perfeita abrigam os sinos. Como elementos decorativos ostenta apenas as impostas, formadas por um simples toro, que

se prolongam em torno de toda a estrutura, e os pináculos terminais que, ao modo de pirâmide, rematam os seus ângulos.

Embora tenhamos informação de que durante a Época Moderna existiam no interior deste espaço vários retábulos e conjuntos de pintura mural, a verdade é que hoje impera o granito nos paramentos e no pavimento. Nele cheira-se simplicidade. Tal deve-se ao facto de esta Igreja ter ficado isenta de culto após a edificação da nova igreja paroquial, logo nos inícios do século XX, o que levou ao seu progressivo abandono, apenas travado por uma profunda intervenção de restauro na segunda metade da década de 1980, que procurou devolver à Igreja de Gondar a sua integridade arquitetónica e a sua legibilidade, enquanto monumento e espaço sacro.

Dos retábulos apenas conhecemos aquele que foi o maior e que hoje se encontra na nova igreja paroquial. Trata-se de uma máquina enquadrada dentro do chamado estilo nacional da talha portuguesa.





Da pintura mural apenas sobreviveu a que orna o intradorso do nicho da parede fundeira da abside, no corpo que lhe foi acrescentado para abrigar o tardo do retábulo-mor. Aqui ainda podemos apreciar restos de pinturas, onde se identificam grotescos a envolverem cartelas. O arco triunfal poderá ter sido fruto da mesma campanha setecentista, tendo em conta as suas pilastras toscanas, assim como o janelão retangular com grade de ferro, rasgado no alçado sul da cabeceira. O púlpito, de que apenas restam as escadas de acesso e a consola classicizante que sustenta a sua base, seria

ainda completado com uma guarda em madeira. Hoje, este púlpito acolhe uma escultura de São Francisco de Assis. Na nave, à esquerda, a pia batismal, cuja taça em granito é sustentada por uma base, ambas poligonais. Várias peças em granito estão aqui depositadas: fragmentos de pedras tumulares, uma pia de água benta, com taça ornada em gomos, talvez já da época barroca. Do lado da Epístola, junto do portal, um nicho de arco de volta perfeita rasga o paramento. Deveria albergar um retábulo. Hoje, exhibe uma cópia em granito da escultura de Santa Maria de Gondar.

OVELHINHA – ALDEIA DE PORTUGAL

Em Gondar, a pouco mais de dois quilómetros da Igreja românica, descubra a Ovelhinha, classificada como Aldeia de Portugal pela Associação do Turismo de Aldeia. Durante as invasões francesas, esta aldeia foi incendiada, conservando ainda hoje as ruínas de algumas casas então destruídas. Na Ovelhinha, na margem do rio Fornelo, destacam-se as casas em pedra granítica, os solares e a capela de Santo Amaro.

